

O DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA E A REFLEXÃO SOBRE RACISMO ESTRUTURAL NA ENFERMAGEM BRASILEIRA

Juliana Aparecida Pacheco Moreira¹, Simone Albino da Silva²

A proximidade do Dia Nacional da Consciência Negra conclama a enfermagem à reflexão sobre as diversas políticas voltadas à redução da desigualdade social e racial no Brasil e seus desfechos.

Nas últimas décadas, desenvolveram-se importantes instrumentos de políticas afirmativas, com destaque para as relacionadas à democratização do acesso às instituições públicas de Ensino Superior para estudantes egressos de escolas públicas, pretos, pardos e indígenas.

Estas iniciativas ocorreram em meio à intensificação do debate sobre a reparação histórica destas populações, tanto no meio acadêmico, quanto nos movimentos sociais. Os resultados destas políticas de acesso ao ensino superior transformaram significativamente a participação de negros entre os estudantes universitários.

A despeito da relevância indiscutível destas mudanças no combate das desigualdades no país nas esferas econômica, social, educacional e racial, mesmo após alcançarem o status de diplomados, as pessoas negras ainda enfrentam desafios em termos de visibilidade e prestígio ⁽¹⁾.

Dados preliminares de estudo em desenvolvimento que versa sobre a atuação dos enfermeiros na atenção primária à saúde no sul do estado de Minas Gerais, Brasil, mostram que 78,4% dos enfermeiros se identificam como brancos; 19,3% como pardos, e 2,3% como pretos. A pesquisa nacional do perfil da enfermagem brasileira mostrou que, apesar de mais de 50% da enfermagem ser composta por pessoas negras, a presença destas se concentra principalmente no nível técnico, enquanto o ensino superior ainda é predominantemente ocupado por pessoas brancas ⁽²⁾.

¹Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. ORCID: 0009-0001-4243-5278

²Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Minas Gerais, Brasil. ORCID: 0000-0002-2725-8832

A incipiência com a qual os enfermeiros negros ocupam efetivamente os postos de trabalho devido à influência das variáveis cor/raça e às diferentes formas de tratamento e oportunidades no mercado de trabalho da enfermagem, baseadas na raça, configura-se como racismo institucional ⁽¹⁾.

Portanto, é fundamental que se promovam discussões nas instâncias de formação e nas entidades de representação profissional e de classe, além de fomentar pesquisas que possam subsidiar as instâncias de poder na criação de iniciativas concretas para combater o racismo estrutural e ampliar a representatividade negra nos postos de trabalho de nível superior na enfermagem.

REFERÊNCIAS

1 Carvalho RA. As representações sociais de cotas para negros por egressos do curso de graduação em enfermagem de universidades públicas [tese]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2023. 209p.

2 Machado MH, coordenador. Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz; 2017. 748p.

Recebido: 08/2024

Aceito: 09/2024

Autor(a) correspondente:

Simone Albino da Silva. Rua Gabriel Monteiro da Silva,
700, Centro, Alfenas – MG, Brasil. E-mail:
simone.silva@unifal-mg.edu.br